

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

RENATO TRAZZI

**O PODER DA MÍDIA: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NAS
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NORTE-AMERICANAS DE 2016**

BAURU
2017

RENATO TRAZZI

**O PODER DA MÍDIA: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NAS
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NORTE-AMERICANAS
DE 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli.

BAURU
2017

T783p

Trazzi, Renato

O Poder da Mídia: A Influência da Mídia nas Eleições
Presidenciais Norte-Americanas de 2016 / Renato Trazzi. -- 2017.
52f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru – SP.

1. Mídia. 2. Relações Internacionais. 3. Eleições. 4. Donald
Trump. I. Pasquarelli, Bruno Vicente Lippe. II. Título.

RENATO TRAZZI

**O PODER DA MÍDIA: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NAS ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS NORTE-AMERICANAS DE 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli.

Bauru, 14 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli
Universidade do Sagrado Coração

Prof.^a M.^a Roberta Cava
Universidade do Sagrado Coração

Prof.^a M.^a Mayra Fernanda Ferreira
Universidade Sagrado Coração

A meus pais, irmãs e amigos pela ajuda,
apoio e compreensão em todos os
momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família em especial aos meus pais por todo o apoio e confiança dedicados a mim nesses quatro anos de estudos na universidade, sem eles acredito que nada disso seria possível, eles sem dúvida alguma são a base para eu ter me tornado a pessoa que sou hoje.

Em seguida, agradeço a todos os professores com quem tive contato nesses quatro anos e que foram fundamentais para meu crescimento profissional e intelectual. Saio da faculdade com uma grande carga de conhecimentos e exemplos a seguir, os quais me fizeram mudar de opinião sobre muitos temas importantes em todas as áreas de estudo que tive o prazer de conhecer e entender. Em especial, quero agradecer àqueles que fazem parte do corpo docente do curso de Relações Internacionais. À professora Beatriz, que sempre se esforçou para coordenar o curso de maneira admirável, buscando integrar as turmas e realizar projetos em prol da sociedade. À Roberta, por ser aquela professora divertida e descontraída e também responsável por certas repreensões necessárias com o intuito de me estimular a me dedicar com afinco ao curso. E também ao professor Bruno que, apesar de nosso breve contato, ao me orientar, muito me ajudou em todas as etapas de elaboração do trabalho, incentivando-me e esclarecendo todas as minhas dúvidas, demonstrando o largo conhecimento que possui na área das Relações Internacionais, mais especificamente no campo de estudo de minha pesquisa, a Mídia.

Agradeço aos meus colegas, que também me auxiliaram muito desde o primeiro ano, contribuindo para que minha trajetória no curso fosse mais amena e colaborativa. As trocas cotidianas na elaboração dos trabalhos e atividades em sala, assim como a convivência nos momentos de descontração no Herbie depois da aula ou nas horas de estudar “para valer” aos finais de semestre, tornaram possível um ambiente descontraído, no qual me sentia à vontade para expor minhas ideias e opiniões. Vocês foram fundamentais para que eu continuasse no curso, sempre me animando e incentivando a seguir firme.

Enfim, o meu muito obrigado a todos que de alguma forma passaram pela minha vida nesses quatro anos, pois se hoje cheguei ao fim de mais uma etapa, foi porque não me faltaram apoio, exemplo e inspiração. Obrigado.

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de analisar o poder da mídia – sendo ela entendida como uma nova dimensão de comunicação global –, sua função, relevância e importância na sociedade mundial em transformação e, pontualmente, sua influência nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016, a partir do conceito de *Soft Power*, considerado fator determinante na campanha de Donald Trump, tendo sido capaz de influenciar o resultado final das eleições. Também serão discutidos o cenário internacional contemporâneo e as principais Teorias de Relações Internacionais que envolvem a mídia, contextualizadas nas campanhas presidenciais dos candidatos às eleições presidenciais dos Estados Unidos da América de 2016. Através de uma metodologia de análise científica, foram realizadas pesquisas em bibliografias e artigos científicos em busca de conteúdo para uma melhor elaboração de trabalho científico. Espera-se que esta pesquisa contribua para a compreensão da importância da mídia na sociedade atual e para o entendimento de como ela influencia diretamente nossas decisões, tomando como exemplo, seu envolvimento nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016.

Palavras-chave: Mídia. Relações Internacionais. Eleições. Donald Trump.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the power of the media - understood as a new dimension of global communication -, its role, relevance and importance in the changing world society and, in a specific way, its influence in the 2016 North American presidential elections, from the concept of Soft Power, considered a determining factor in the campaign of Donald Trump, having been able to influence the final result of the elections. We will also discuss the contemporary international scene and the main theories of international relations that involve the media, contextualized in the presidential campaigns of the candidates for the 2016 presidential elections of the United States of America. Through a methodology of scientific analysis, researches were done in bibliographies and scientific articles in search of content for a better elaboration of scientific work. It is hoped that this research will contribute to understanding the importance of the media in today's society and to understanding how it directly influences our decisions, taking as an example its involvement in the 2016 US presidential elections.

Key-words: Media. International Relations. Elections. Donald Trump.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A MÍDIA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO	10
2.1	A MÍDIA NA SOCIEDADE EM REDE E AS NOVAS DIMENSÕES DE COMUNICAÇÃO GLOBAL.....	10
2.2	A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA E SUA FUNÇÃO NA SOCIEDADE MUNDIAL EM TRANSFORMAÇÃO.....	15
3	MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	21
3.1	O CENÁRIO INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO E AS TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS	21
3.1.1	ESCOLA REALISTA	23
3.1.2	ESCOLA DO LIBERALISMO	28
3.1.3	ESCOLA CRÍTICA – TEORIA RADICAL	31
3.1.4	ESCOLA INGLESA	33
3.1.5	ESCOLA CONSTRUTIVISTA	34
3.2	O CONCEITO DE SOFT POWER.....	35
3.3	OPINIÃO PÚBLICA	37
4	A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NORTE- AMERICANAS DE 2016	40
4.1	A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA PARA AS CAMPANHAS ELEITORAIS	40
4.2	AS ELEIÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS.....	42
4.3	AS PESQUISAS ELEITORAIS E OS TRÊS DEBATES ENTRE HILLARY CLINTON E DONALD TRUMP.....	43
4.4	AS MÍDIAS ALIADAS A CAMPANHA ELEITORAL DE TRUMP	45
4.5	A TEORIA DA AGENDA SETTING E A HIPÓTESE DA “ESPIRAL DO SILÊNCIO”	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	50-52

1 INTRODUÇÃO

A mídia, também conhecida como os meios de comunicação, tem o poder de influenciar a sociedade em diferentes aspectos. De forma sutil, aqueles que não possuem pensamento crítico, são moldados e articulados da maneira em que os veículos de comunicação induzem. Todos os dias, através da internet, da televisão e de tantos outros meios, são impostos modelos de ideologia, convicções políticas e diversos outros fatores de forma imperceptível. Mas a realidade é que hoje, na sociedade globalizada, todos sofremos influências para a idealização do nosso ser.

Pensando nisso, percebeu-se a necessidade de abordar como esses meios de comunicação também interferem na política e até mesmo nas decisões eleitorais. Para a comprovação destes fatos, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo de caso, onde analisa-se a influência que a mídia teve nas últimas eleições presidenciais norte-americanas que ocorreram em 2016 e elegeram como presidente o candidato republicano, Donald Trump. O motivo para escolher este tema como central, foi o fato de que essas eleições trouxeram novas reflexões sobre os meios de comunicação e o poder que eles têm sobre os indivíduos.

Para que a conclusão seja clara para todos os leitores, o estudo será dividido em três capítulos que contextualizarão todas as informações pertinentes.

Os meios de comunicação, também conhecidos como mídia, possuem grandes relevâncias na formação do indivíduo, para compreendermos como esses foram participativos nas campanhas eleitorais a favor ou contra Donald Trump. Por conseguinte, no segundo capítulo após a introdução, será enfatizado o surgimento da mídia, o conceito deste termo no âmbito das Relações Internacionais e da comunicação, as mudanças que este fenômeno sofreu com a globalização e a importância que ele tem para a nossa sociedade nos dias atuais.

O terceiro capítulo examinará as teorias das Relações Internacionais que possuem ligação com o tema deste trabalho. Para tanto, serão analisadas as abordagens teóricas do realismo, do liberalismo, da escola de Frankfurt e do construtivismo. É imprescindível realizar uma pesquisa sobre todas as essas teorias e relacioná-las com as ideias apresentadas nas campanhas eleitorais em 2016 nos Estados Unidos para que seja entendido o que fez Donald Trump vencer a candidata democrata Hillary Clinton. Além disso, ainda neste capítulo será apresentado como é

o cenário internacional contemporâneo e algumas explicações sobre os conceitos de opinião pública e *Soft Power*.

O último capítulo, nomeado como “A influência da mídia nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016” trará informações sobre o formato das eleições presidenciais norte-americana, a importância que a mídia possui nas campanhas eleitorais em geral, os resultados das pesquisas que foram realizadas no período que sucedeu os três debates principais nas eleições, as mídias que foram aliadas do Republicano e a teorias da agenda setting e a hipótese da espiral do silêncio como possíveis explicações sobre como Donald Trump venceu as eleições mesmo que a aposta apresentada pelas pesquisas fosse outra.

Por fim, no último capítulo serão tecidas as considerações finais, onde podemos observar a relevância da indução dos meios de comunicação e a importância de desenvolvermos um potencial crítico de audiência.

2 A MÍDIA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Para a compreensão de como a mídia pode ter influenciado nas eleições de Donald Trump, sejam essas influências positivas ou negativas, é necessário previamente realizar uma abordagem sobre as novas dimensões da comunicação e o poder que esta possui diante da sociedade. Sendo assim, neste segundo capítulo, será retratado o surgimento do conceito de mídia, os entendimentos sobre este termo para a área da Comunicação e das Relações Internacionais e sua importância para a sociedade globalizada.

2.1 A MÍDIA NA SOCIEDADE EM REDE E AS NOVAS DIMENSÕES DE COMUNICAÇÃO GLOBAL

A palavra mídia tem origem no Latim, sua tradução é definida como o plural de *medium*, que significa meio, ou seja, o vocábulo mídia engloba a totalidade dos meios de comunicação. No Brasil, o termo se popularizou a partir da década de 1990, e seu destaque deve-se aos estudos multidisciplinares realizados pela área do saber da Comunicação e Ciências Sociais. Cabe pontuar que a reflexão sobre a relevância que a comunicação tem sobre a política se fortifica no contexto da época das eleições presidenciais de Collor. (GUAZINA, 2007, p.50).

Nesse sentido, inicialmente, importa abordar o que se entende por mídia pela comunicação e pelas ciências políticas.

Existem diferentes pesquisadores do campo da comunicação e inúmeras definições para o termo mídia, isso impossibilita uma definição consensual da palavra. Todavia, com base em diferentes estudos, é possível notar que o conceito está sempre ligado aos meios de comunicação. Fazendo uma retrospectiva histórica, veremos que as primeiras utilizações do termo foram feitas entre 1920 e 1940 nos EUA nas pesquisas de *mass média*. Nessa época, as preocupações dos estudiosos estavam relacionadas a descobrir os efeitos que as mensagens propagadas pela imprensa e pelas propagandas tinham nos receptores. (WOLF, 2003 apud GUAZINA, 2007). Gomes (2003 apud GUAZINA, 2007) complementa que esse período foi quando os pesquisadores começaram a perceber a influência negativa que os meios de comunicação possuem sobre os indivíduos.

Os estudos de comunicação foram evoluindo, e entre o período de 1960 e 1968 os estudiosos passaram a notar a influência que exerciam os meios de comunicação, sobretudo a televisão, sobre a democracia e a forma como algumas ideias, fatos, atos seriam imputados à memória dos indivíduos de forma sutil por tudo aquilo que era publicado. Este foi um passo muito importante para esta epistemologia, que, até então, acreditava que os efeitos das mensagens produzidas pelos veículos de comunicação só surtiam efeito a curto prazo. Depois disso, foram surgindo inúmeros estudos na área de comunicação, e o termo mídia, mesmo sem uma caracterização consensual, foi ganhando mais espaço, sendo hoje a palavra entendida como tudo que está relacionado à indústria da comunicação (GUAZINA, 2007). Assim, Lima (2003, apud GUAZINA, 2007, p.57) define mídia como:

O conjunto de instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a mídia implica na existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação mediatizada. Este é um tipo específico de comunicação que aparece tardiamente na história da humanidade e se constitui em um dos importantes símbolos da modernidade. Duas características da mídia são a sua unidirecionalidade e a produção centralizada e padronizada de conteúdos. Concretamente, quando falamos da mídia, estamos nos referindo ao conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa.

Após a análise realizada sobre a colocação dos autores referente ao que seria a mídia, é possível compreender que, sob o ponto de vista da comunicação, a mídia influencia as escolhas dos indivíduos e os estudos sobre seus efeitos são de extrema importância para o campo.

Se para a área da comunicação a mídia já é inserida como um dos focos principais de estudo, para as ciências políticas isso não se dava da mesma maneira. De forma geral (existiam algumas exceções), os cientistas políticos estavam mais interessados em estudar como a mídia tinha poder sobre a opinião pública, a cultura política e o comportamento eleitoral. Para estes estudiosos, a mídia nada mais seria que o canal de informação sobre política a que as pessoas teriam acesso. Contudo, autores como Porto (1997 apud GUAZINA, 2007) caracterizava como uma deficiência da literatura acadêmica das ciências políticas não levar em consideração como os meios de comunicação possuem forte influência na percepção do indivíduo. Refletindo sobre as colocações dos autores, nota-se que para a área política a mídia é comumente definida apenas como os meios de transmissão. Porém, ainda que

certos estudiosos resistam a esta ideia, a ciência política reconhece que a mídia não possui apenas a intenção de informar as pessoas.

Uma vez estabelecido que a mídia é a indústria da comunicação e os meios utilizados para a transmissão da mensagem, cabe abordar o quão poderoso tem se tornado este fenômeno com a chegada das novas tecnologias, o que se pode caracterizar como a “globalização da mídia”. O termo globalização tem seu uso frequente desde meados da década de 1980, trata-se de um fenômeno que afeta todos os setores da sociedade, principalmente a comunicação, comércio internacional e a liberdade de movimentação. Trata-se, muitas vezes e de maneira restritiva, a globalização como um fenômeno econômico, a partir de uma análise centrada apenas nos papéis das empresas transnacionais, cujas gigantescas operações ultrapassam as fronteiras dos países, influenciando os processos globais de produção e distribuição internacional do trabalho. Embora as forças econômicas tenham ação fundamental no fenômeno, elas não promovem por si só a globalização que é, na verdade, uma conjunção de fatores econômicos, políticos, culturais e sociais. Seu progresso se dá, sobretudo, devido aos avanços nas áreas da tecnologia da informação e comunicação, que intensificaram a velocidade e ampliaram o âmbito das interações entre os povos do mundo inteiro.

Dentre alguns fatores que contribuíram para a globalização, podemos considerar os expressivos avanços na tecnologia e na infraestrutura das telecomunicações mundiais. O pós-guerra impulsionou uma profunda transformação no âmbito e na intensidade do fluxo de telecomunicações, como se vê, por exemplo, na substituição do sistema tradicional de comunicação telefônica, baseado em sinais analógicos enviados por fios e cabos, por sistemas integrados onde grandes quantidades de informação são comprimidas e transferidas digitalmente. A banalização do recurso a satélite de comunicação também foi de extrema importância para expansão das comunicações internacionais, sendo que atualmente tem-se em funcionamento uma rede que compreende milhares de satélites, facilitando a transferência de informação pelo mundo.

Como comprova o trecho do livro de Alvarez (1999, p.97) que afirma ser possível:

Caracterizar um conjunto aparentemente bastante heterogêneo de fenômenos que ocorreram ou ganharam impulso a partir do final dos anos 80 - como a expansão das empresas transnacionais, a internacionalização

do capital financeiro, a descentralização dos processos produtivos, a revolução da informática e das telecomunicações, o fim do socialismo de Estado na ex-URSS e no Leste Europeu, o enfraquecimento dos Estados nacionais, o crescimento da influência cultural norte-americana, etc.

Castells (1999) destaca algumas características marcantes no processo de globalização. Para o autor, o estado exerce papel importante na relação entre tecnologia e sociedade, uma vez que detém, desencadeia ou dirige a inovação tecnológica. Além disso, ele pontua que as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. Nesse sentido, explica como a comunicação através do computador e da televisão geram um vasto desdobramento de comunidades virtuais; como se cria uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável, em função da capacidade de certas atividades funcionarem em tempo real e de ser o mundo verdadeiramente multicultural e interdependente passível de compreensão apenas a partir de uma perspectiva plural que articule identidade cultural, interconexão global e política multidimensional.

Considerando as informações apresentadas, compreende-se que a globalização é um processo inter-relacionado muito complexo. Ainda sobre este assunto, Ortiz (1994) afirma que a integração entre as dimensões econômicas, políticas e culturais não pode ser negada ou esquecida. Além disso, a emergência e/ou existência da sociedade globalizada não ocorre de maneira uniforme, até porque o mundo é composto de nações vivendo diferentes estágios de desenvolvimento. Nesse sentido, à globalização não deve ser vista como processo homogêneo, que levaria à expansão e à uniformização em todas as sociedades. Ao contrário, o que se tem é o processo de desenvolvimento social bastante descontínuo, seletivo e excludente.

Apesar das controvérsias, o impacto dessas transformações tem sido extraordinário para os países mais desenvolvidos, considerando que a os meios de comunicação tem múltiplas ligações por diferentes partes do globo, incluindo telefones fixos e móveis, televisão digital e a cabo, correio eletrônico e Internet. A internet acaba se tornando a ferramenta de comunicação em maior crescimento devido a facilidade e praticidade em que as informações são trocadas. O uso corrente da Internet e dos telefones aprofundam e aceleram ainda mais o processo de globalização.

As tecnologias de informação e comunicação, permitiram uma mobilidade conectada dos indivíduos, o mundo se tornou mais complexo e interdependente e, de acordo com Castells (2000 apud RUFINO 2009), afetou também a sociabilidade, ou seja, as formas de interação social. Na fase inicial, muitos mitos se criaram em torno dessa questão. Dizia-se que a internet alienava, isolava, causava depressão ou, por outro lado, que era um mundo de extraordinária liberdade, onde todos se querem bem e vivem em comunidade. Na perspectiva do autor, a internet “é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são”.

A internet foi desenvolvida nos tempos de guerra fria e tinha como objetivo manter a comunicação entre as bases militares dos Estados Unidos, caso os inimigos destruíssem os meios de comunicação tradicionais. Nas décadas de 70 e 80, além dos militares, a internet também foi um importante meio de comunicação acadêmico. Somente nos anos 90 que a internet começou a alcançar a população em geral, nesse mesmo período o inglês Tim-Bernes Lee desenvolveu a World Wide Web, conhecida por todos como “www”, usada até nos dias atuais, que possibilitava a publicação de documentos unindo textos, imagens, sons e vídeos, tornando-a mais interessante. A partir desse momento, a internet cresceu rapidamente, pois com ela podemos saber o que se passa em qualquer lugar do planeta em minutos, sem sair de casa, apenas acessando um site, por exemplo. Destaca-se também a questão das redes sociais, definidas como um conjunto de elementos sendo eles: os atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões sociais, compreendendo uma estrutura de grupo. Redes sociais na Internet possuem conexões constituídas através de diferentes formas de interação e trocas sociais. Na Internet, por exemplo, é possível “assinar” uma lista de discussão, ou seja, participar de um grupo social sem interagir diretamente com seus membros, mas unicamente usufruindo das informações que ali circulam. Também é possível interagir com um grupo de pessoas através dos comentários e, com eles, formar uma rede social, trazendo uma maior interação social. A Internet passa a se tornar parte de nossas vidas, sendo um instrumento de extrema importância para o indivíduo, já que este pode utilizar da rede em vários aspectos, seja para trabalhar, interação social ou diversão. (RUFINO, 2009)

Após a inserção da internet na sociedade, a mídia foi outro meio que se beneficiou desta tecnologia, já que ela tem grande influência na vida do homem moderno e é responsável por distribuir as informações sobre assuntos relevantes, seja em âmbito nacional ou internacional. Seu poder de persuasão influencia diretamente em nossas decisões, isso através de programas de entretenimento, novelas, jornais, revistas, noticiários e é claro a internet, que muitas vezes causam uma reviravolta nos setores econômicos, políticos e sociais pelo fato de ter controle sobre o que é divulgado e mostrado a nós. (SILVA, 2009)

Leão (2008, p.39) ressalta que:

Pela imagem, a mídia traz à tona valores a serem incorporados e posturas a serem adotadas. Retrata, por meio da paisagem, as contradições em que vive, confundindo no imaginário aquela que é real e a que se deseja como ideal; toma para si a tarefa de impor e vincular um modelo de mundo, de reproduzir o cotidiano por meio da imagem massificante repetida pelo bombardeamento publicitário, sobrepondo-se às percepções e interpretações subjetivas e/ou singular por outras padronizadas e pretensamente universais.

Levando em consideração as informações apresentadas, compreende-se que a mídia, hoje, é um meio que permite reformatar qualquer conteúdo, de qualquer maneira, ou seja, ela é a própria geradora de conteúdo, que dirige a emissão e seleciona a recepção, induzindo sempre em suas estratégias o conceito de que muitos se comunicam entre muitos. Esse fenômeno tem provocado a convergência das mídias de massa e das redes horizontais de comunicação, o resultado dessa evolução é uma mudança histórica na esfera pública, do campo institucional para o novo espaço comunicativo.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA E SUA FUNÇÃO NA SOCIEDADE MUNDIAL EM TRANSFORMAÇÃO

Ao iniciar um estudo sobre as transformações que a mídia trouxe pra sociedade, é indispensável que antes seja abordado sobre como hoje estamos inseridos na sociedade da informação, que no caso, de acordo com Webster (1995 apud GALARÇA, 2007) trata-se de uma sociedade totalmente dependente das tecnologias e as diversas formas de interação existentes através da rede, o autor ainda afirma que esses meios são utilizados para diferentes fins, como por exemplo, na parte social, econômica, política e cultural dos indivíduos, e isso comprova o quão esse processo tornou-se um fenômeno social.

Também é válido ressaltar que dos meios de comunicação desenvolvidos ao longo da história, a internet, de fato, foi a ferramenta que mais trouxe transformações para a sociedade, pois foi através dela que foi possível “encurtar” o espaço e “acelerar” o tempo. Desta forma, hoje é possível interagir com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, desde que ambos possuam um dispositivo conectado a internet. Sendo assim, é possível caracterizar o período em que vivemos como a “era digital”, aonde tudo e todos estão ligados, de certa forma, pela rede. A chegada das novas tecnologias colaborou não só para a agilidade dos serviços de comunicação, mas também para diminuir o número de trabalhadores humanos para a realização de alguns projetos e conseqüentemente foi a responsável pelas necessidades de novos profissionais na área da comunicação e da informática (KOHN; MORAES, 2007).

O termo “Aldeia Global” que repercutiu o mundo inteiro através das teorias criadas por Marshall McLuhan em seu livro “A Galáxia de Gutemberg (1962 apud RUFINO, 2009, p.4), caracterizava-se em “a nova interdependência eletrônica recria o mundo à imagem de uma aldeia, uma aldeia global”. Na perspectiva do autor, os meios eletrônicos rompem barreiras geográficas e transformam o mundo em um grande cenário propício a comunicação.

Além das transformações já citadas, com a chegada das novas tecnologias, também houve a mudança no comportamento humano, tendo em vista que a rede possibilitou diferentes formas de interação que eram inimagináveis para a realidade da sociedade. Neste sentido, Thompson (2012, p.119) afirma que:

O desenvolvimento de novos meios de comunicação não consiste simplesmente na instituição de novas redes de transmissão de informação entre indivíduos cujas relações sociais básicas permanecem intactas. Mais do que isso, o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação de interação e novos tipos de relacionamentos sociais, formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana.

Sobre os novos meios de comunicação, Thompson (2012) faz a análise de três formas de interação que foram criadas pela mídia, sendo elas: a interação face a face, que é quando duas ou mais pessoas estão conectadas ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Ela possui caráter dialógico, existindo a troca de informação entre o emissor e o receptor e a mensagem pode ser acompanhada por gestos, símbolos, vozes que ajudam na compreensão a interação mediada, que diferente da interação face a face, a mediada acontece por meio técnico e não necessita que os

participantes estejam em um contexto co-presença e não é necessário que as pessoas estejam conectadas ao mesmo tempo e inseridas no mesmo espaço e quase interação mediada, que corresponde pelas mensagens disponibilizadas pelos meios de comunicação como os livros, jornais, rádio e televisão. Neste modelo, a comunicação acontece em um sentido único, ou seja, não é possível ter um retorno do receptor através da mesma plataforma.

Thompson (2012, p.122) ressalta a diferença entre a interação quase mediada para as demais:

Em primeiro lugar os participantes de uma interação face a face ou de uma interação mediada são orientados para outros específicos, para que eles produzem ações, afirmações, etc.; mas no caso da interação quase mediada, as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores potenciais. Em segundo lugar, enquanto a interação face a face e a interação mediada são dialógicas, a quase interação mediada é monológica, isto é, o fluxo da comunicação é predominantemente de sentido único.

Mais do que apenas identificar a diferença das formas de interação que a mídia nos oferece, Thompson (2012) tinha como objetivo da sua análise, identificar as transformações cotidianas que as novas tecnologias trouxeram para a sociedade. Sendo assim, é possível compreender que a realidade foi modificada após o surgimento das tecnologias. De encontro com este pensamento, Sousa (2000) explica que a sociedade hoje não consegue exercer suas atividades sem o uso das tecnologias, como era realizado antigamente e isso ocorre por causa da mediação social que essas ferramentas oferecem.

Além das transformações sociais causadas em conjunto com os avanços tecnológicos, também foi identificado uma mudança quanto ao processo de produção de conteúdo, que passou a ser descentralizado e todos podem divulgar uma informação. Portanto, compreende-se que os avanços agregam melhorias em alguns aspectos como a rapidez e dificuldades em outros, como a acessibilidade a diminuição do contato face a face. Sobre este assunto, Marcondes (2007 apud KOHN; MORAES, 2007) defende a que o acesso democrático aos meios de comunicação tecnológicos é uma ideia utópica.

Uma colocação pertinente é de que hoje a mídia possui o poder da recepção e da geração de conteúdo, reformatando seu conteúdo, dirigindo a emissão e controlando a recepção.

A mídia, dentre suas mais diversas esferas de atuação é, em tempos de globalização, é um elemento fundamental para compreensão da sociedade e seu

processo político. Atualmente, a mídia se faz cada vez mais presente em nosso cotidiano, tornando-se um instrumento de manipulação social e dominação cultural. Nesta linha de raciocínio, Charaudeau (2003, p.252) afirma que:

Toda manipulação se acompanha então de uma enganação cuja vítima é o manipulado. Ora, não se pode dizer que as coisas acontecem exatamente assim entre as mídias e os cidadãos. Não se pode dizer que os primeiros tenham a vontade de enganar os demais, nem que estes engulam todas as informações que lhes são dadas sem nenhum espírito crítico. A coisa é bem mais sutil, e diremos, para encurtar, que as mídias manipulam de uma maneira que nem sempre é proposital, ao se automanipularem, e, muitas vezes, são elas próprias vítimas de manipulações de instâncias exteriores.

As informações que recebemos pelas diferentes mídias existentes com destaque para televisão e internet, exercem forte influência nos hábitos e costumes da população com grande poder de manipulação, ditando regras de conduta e de consumo, tornando-se num importante veículo de transmissão de informação e de formação de opinião. Habermas (1984 apud KOHN; MORAES, 2007) criou a teoria do Agir Comunicativo, que expõe a ideia de que a mídia consegue criar redes de comunicação distintas capazes de produzir diferentes conteúdos para todos os setores sociais. Sendo assim, ela consegue mais fácil induzir suas ideias em maiores grupos de pessoas.

O estudo das mídias está intimamente relacionado com o impacto da ideologia na sociedade. Pela ideologia entendemos a influência das ideias nas crenças das pessoas. Essa ideologia é o exercício do poder simbólico, de modo que as ideias passaram a ser utilizadas para esconder, justificar ou legitimar os interesses dos grupos dominantes da ordem social, os aspectos ideológicos da informação transmitida pela mídia tendem a favorecer esses grupos. Os meios de comunicação de massa, incluindo a televisão, jornais, revistas e a internet, expandem o raio de ação da ideologia nas sociedades modernas. Eles chegam a grandes audiências, portanto essas audiências não podem responder de forma direta.

A grande aceitação e inúmeras facilidades que a internet apresenta como os meios de comunicação de massa não exclui os outros veículos, como o rádio, a televisão e o jornal, já que a sociedade ainda não possui capacidade para suportar uma era total online. Neste sentido, os métodos tradicionais caminham em parceria com a internet nos países que já possuem recursos para dar acesso a todos a este tipo de tecnologia.

O conceito de audiência ativa ganha força, uma vez que os públicos se tornam agentes em busca de informação, ancorados por programas que facilitam esse processo, como os sistemas de busca, plataformas de relacionamentos, redes sociais, etc. Essas tecnologias estão disponíveis, na maior parte, gratuitamente e não exigem competência técnica, pelo contrário, suas interfaces auto-explicativas estão ao alcance de todos, bastando para tanto, o acesso à internet, televisão, rádio, etc.

Outro passo importante que não pode deixar de ser citado neste capítulo é a chegada das redes sociais, como por exemplo o *Facebook*, o *Twitter* e o *Liked In*. Esses veículos de comunicação de massa possibilitam a comunicação horizontal, onde todos são emissores e receptores. McLuhan (1969) define as novas tecnologias como uma extensão do homem moderno, para o autor, somos todos reféns da tecnologia. Pela visão do autor, entende-se que as tecnologias criam ambientes nos quais as nossas ações são realizadas e que essas fontes de informação que vão surgindo, influenciam diretamente na forma de pensar e agir do indivíduo.

Como é fácil notar, na área do saber, existem diferentes posições no que se refere a chegada da Internet como novo meio de comunicação. Estudiosos mais otimistas como Maia, (2002 apud KOHN; MORAES, 2007, p. 6) caracteriza que a rede é um fenômeno positivo que possibilita a interação cívica, a liberdade de expressão, a interação social e a diversão. Já os pessimistas como Nunes (1997 apud KOHN; MORAES, p. 6) conclui que a internet não atende as necessidades de todos, tratando-se de um meio que ainda precisa de transformações para se tornar mais democrática.

Uma das consequências desse novo modo comunicacional é alteração das relações de poder. Segundo Castells (2007, p.238), “ao longo da história, comunicação e informação têm sido recursos fundamentais de poder e contra-poder, de dominação e mudança social”. Isso ocorre devido a batalha pela mente das pessoas. Nesse novo contexto comunicativo, aqueles que detêm o poder já identificaram a necessidade de participar das redes de comunicação horizontais.

Após o estudo realizado sobre a importância da mídia na transformação da realidade, foi compreendido que na medida em que a sociedade foi se modernizando e as tecnologias de informação foram sendo implantadas no cotidiano das pessoas, de maneira quase que imperceptível todos foram se tornando

dependentes das tecnologias, seja para a diversão, trabalho ou qualquer outro motivo. Há autores que entendem essas mudanças como positivas e outros como negativas. Contudo, é notável que a mídia se fortalece mais a cada dia e consegue prender mais pessoas nas suas plataformas, com isso, também aumenta o número da influência que a mesma tem na formação do indivíduo. As informações apresentadas neste capítulo serão importantes para que consigamos abordar a existência de um receptor participativo que consegue expor o seu feedback nas redes sociais e como os meios de comunicação interferem na política atual.

3 MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Como já foi entendido o que é a mídia e a influência que ela possui nos dias atuais, neste terceiro capítulo será discutido como é a situação do cenário internacional contemporâneo, pois este fator também é de extremo valor para a compreensão da última eleição norte-americana. Por conseguinte, serão discutidas as principais Teorias das Relações Internacionais que serão relacionadas com as ideias dos candidatos à presidência dos Estados Unidos e por fim, o conceito *Soft Power* e a influência da mídia na opinião pública. Após todas essas abordagens, no último capítulo será estudado a influência da mídia na eleição que elegeu Donald Trump.

3.1 O CENÁRIO INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO E AS TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Nesta parte do capítulo, primeiramente será abordado como é a situação do cenário internacional contemporâneo, para que na sequência seja discutido as principais teorias das Relações Internacionais.

Além das transformações nos meios de comunicação, a globalização também foi responsável por estreitar os laços econômicos e políticos dos estados, mas apesar de existirem vários benefícios causados por este fenômeno, é pertinente ressaltar que a globalização também foi responsável por aumentar o abismo entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos. Se para os países com mais poder econômico, a globalização consegue trazer mais informações e diminuir as distâncias, para os países mais pobres ela oferece a exclusão, já que estes não conseguem se beneficiar da tecnologia da mesma forma que os países mais ricos. Sendo assim, é possível compreender que a globalização cria um precipício entre as classes sociais. (SANTOS, 2006)

Em um trecho do seu livro, Santos (2006, p.10) define que:

De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção.

É compreendido então, que a globalização neste sentido, é vista como algo perverso por ser mal administrada, sendo benéfica apenas para aos países que já possuem poder. Neste cenário, quem dita as regras do sistema internacional é o dinheiro. Santos (2006) define esta colocação como a “tirania do dinheiro”, para o autor, quem faz as regras e invade a vida das pessoas para que elas se tornem dependente do próprio, é o capital.

Neste mundo contemporâneo os conflitos entre os estados também ganham outro sentido para darem início as novas guerras. Tendências como o separatismo e o idealismo ganham muita mais força em países que sofreram muito com a exploração dos mais desenvolvidos. Santos (2006) ressalta que apesar da invasão dos estados mais pobres pela internacionalização, os países subdesenvolvidos têm a opção de serem resistentes as imposições. Contudo, é notório que apesar desta teoria ser viável, na prática é muito mais complicado, já que os países menos desenvolvidos não possuem recursos para recusar as propostas.

Santos (2006, p.38) diz que:

Com a globalização, o que temos é um território nacional da economia internacional, isto é, o território continua existindo, as normas públicas que o regem são da alçada nacional, ainda que as forças mais ativas do seu dinamismo atual tenham origem externa. Em outras palavras, a contradição entre o externo e o interno aumentou. Todavia, é o Estado nacional, em última análise, que detém o monopólio das normas, sem as quais os poderosos fatores externos perdem eficácia. Sem dúvida, a noção de soberania teve de ser revista. Mas é um equívoco pensar que a informação e a finança exercem sempre sua força sem encontrar contrapartida interna. Esta depende de uma vontade política interior, capaz de evitar que a influência dos ditos fatores seja absoluta. Ao contrário do que se repete impunemente, o Estado continua forte e a prova disso é que nem as empresas transnacionais, nem as instituições supranacionais dispõem de força normativa para impor, sozinhas, dentro de cada território, sua vontade política ou econômica.

Após o decorrente estudo, foi possível compreender que o cenário internacional contemporâneo não é nada democrático, já que as novas tecnologias só beneficiam aquelas que possuem capital para investir em seus produtos. Além disso, foi compreendido que a globalização gerou mais desigualdade entre as classes, resultando em novos conflitos e motivos para possíveis guerras. Se para os países menos desenvolvidos estes aspectos são negativos, para os mais ricos, como é o caso do Estados Unidos, este fator agrega ainda mais poder e faz com que os americanos tenham mais auto estima que outros estados. É relevante colocarmos este assunto em pauta, pois, como veremos mais para frente, nos estudos da

corrente construtivista, o fato dos cidadãos norte-americanos terem sentido a própria soberania ameaçada também foi um fator de contestação ao governo.

3.1.1 ESCOLA REALISTA

Antes de tudo, é primordial ressaltar que todas as teorias das Relações Internacionais (TRI) nada mais são do que formas internacionais diferentes para a compreensão dos fatos que acontecem no mundo, ou seja, as TRI são saberes internacionais.

A escola mais antiga e conhecida das TRI é a escola realista, suas visões estão totalmente ligadas a dominação, aos ganhos calculados e em atender os interesses do estado, mesmo que esses interesses não sejam de agrado particular ou de grupos menores e que não possuam caráter moral ou qualquer princípio como justificativo. O realismo expõe a ideia de como o ser realmente é e como ele quer ser visto. (CASTRO, 2012)

Em uma parte do discurso de posse do Donald Trump, publicado pela ABC News (apud BOTELHO; ROCHA e LIMA, 2017, p.9), o atual presidente dos Estados Unidos disse:

A partir deste dia, uma nova visão governará nossa terra. A partir deste dia, será apenas a América em primeiro lugar [America First]. América em primeiro lugar. Toda decisão sobre comércio, sobre impostos, sobre imigração, sobre assuntos externos será feita para beneficiar os trabalhadores americanos e as famílias americanas.

Fazendo uma analogia deste trecho do discurso de Trump com as colocações de Castro sobre a escola realista é notório que sua campanha está relacionada as teorias do realismo.

Brugger (1997 apud CASTRO, 2012, p.311) define a escola realista:

Em oposição ao idealismo, é a concepção que afirma que o ente real existe em si, independentemente, do nosso conhecimento; que, por conseguinte, o ser não é mera produção do sujeito pensante; que o sentido do nosso conhecimento é adequar-se, é assimilar-se ao ente, apreendê-lo como ele é em si e que tal objetivo se pode alcançar, ao menos dentro de determinados limites. Seria exagero definir o "real" precisamente como aquilo que existe independentemente do nosso pensamento. Real é, antes, o que tem ser (ser real), embora este ser, exatamente como o ser de nossos atos internos e externos e de nossas operações exteriores, dependa de nosso pensamento, de nosso querer e operar.

Outra característica marcante apresentada por esta escola, é a de autotutela, o que significa que o líder do estado é o próprio julgador dos seus atos. Sendo assim, cabe ao próprio legitimar suas ações como certas ou erradas e não a outras pessoas, que podem, por muitas vezes, estar sofrendo com as atuações de quem está no poder.

Sobre este assunto, Castro (2012) ressalta:

A vida social com suas características de dotações gregárias leva, muitas vezes, ao ímpeto do uso indiscriminado das forças disponíveis para o autoarbitrio de imposição em sentido amplo. É a luta do poder e pelo poder no meio social que vai se formando, gerando a perspectiva de desigualdade na esfera externa. A autotutela é outra marca associada ao realismo, isto é, a constatação de que o detentor de poder e de domínio sobre os demais seres tende a possuir uma percepção de que pode ser autor e julgador dos seus atos autolegitimados.

Contudo, vale lembrar que a escola realista passa por três diferentes fases, sendo elas: o realismo clássico, o neoclássico e neorealismo. Nesta sessão, será abordado sobre essas três correntes pertencentes ao realismo, suas premissas e os seus principais teóricos.

As primeiras falácias sobre o realismo clássico foram iniciadas no mundo antigo pelos autores Sun Tzu, Tucídides e Tito Lívio e posteriormente contou com a contribuição de mais três autores europeus: Maquiavel, Hobbes e Richelieu. Como elementos cruciais para a consolidação desta teoria é importante ressaltar a contribuição de Tucídides ao fazer sua narrativa sobre a Guerra de Peloponeso (431-404 AC), o livro a Arte da Guerra de Sun Tzu e a política da razão do estado criada por Richelieu. (CASTRO, 2012)

Os contextos do realismo clássico estão ligados a tese da sobrevivência e de preservação do poder, os autores defendiam que a segurança deveria ser um dos focos principais. Além disso, outra conotação importante é de que o realismo clássico se fundamentava no egoísmo ético. Conforme apresenta Castro (2012, p.316):

O realismo clássico inicia seus argumentos sobre a tese da sobrevivência e autoajuda em sentido amplo por meio da manutenção do Estado, conservação do seu poder e a preservação da ordem pela subserviência de sua população, tendo a segurança comum como seus principais pressupostos. A segurança é um bem público imaterial de relevante valor. Mais: é um patrimônio necessário à humanidade que remonta a antigos anseios das coletividades pré-estatais (pré-westphalianas). Em Hobbes, essa percepção é bastante clara tanto em sua obra *Leviatã*, quando de seus escritos em *De Cive*. Ainda com base em Hobbes, o realismo clássico, em razão da necessidade de sobrevivência e da autoajuda dos Estados, vai se fundamentar no primado do egoísmo ético.

Castro (2012) destaca sete premissas que ficam explícitas na obra Nicolau Maquiavel chamada “O Príncipe” e marcam o realismo clássico, sendo elas: a natureza humana, que em sua maioria é individualista e egoísta. Sendo isso um fator que reflete nas ações internas e externas do estado; a guerra como representação no domínio político para a “garantia” de segurança; a utilização do cálculo do poder que o estado faz para mascarar as crueldades cometidas; o estado também utiliza do cálculo do poder para o militarismo e para as políticas de defesa nacional, sejam essas defensivas ou ofensivas; o baixo controle internacional força os líderes do estado a tomarem posturas para priorizar suas agendas; o estado é o ator principal do cenário internacional e que as distribuições dos estados são irregulares e eles utilizam de muitas armas e leis.

Após analisar as sete premissas, conclui-se que o realismo clássico apresenta a desigualdade total entre os estados, onde cada um age em seu benefício próprio, não considerando os reflexos que suas atitudes podem causar para os demais, apenas pensando em maximizar o seu poder.

Em um discurso pré-eleitoral, publicado no site do Jornal Nexo¹, Donald Trump disse que gastaria o que fosse necessário para reconstruir as forças armadas dos Estados Unidos, construindo e comprando os melhores equipamentos existentes, que esse investimento era de extrema importância para a nação norte-americana. Esse fator possibilita associar que a campanha de Donald Trump possua influências do realismo, levando em consideração as premissas de Maquiavel que associa o poder militar para a “garantia de segurança”.

A vertente do realismo neoclassista teve seus primeiros indícios no ano de 1945, que foi o período em que a corrente do liberalismo idealista passou por um processo de redefinição, pois não estava alcançando a grande massa com as suas ideias. A teoria neoclássica do realismo é inspirada primeiramente na obra Política “Entre as Nações” de Hans Morgenthau, mas, é pertinente ressaltar a que a época pós-guerra influenciou para uma nova forma de pensar de alguns autores já citados, como por exemplo, Sun Tzu, Tucídides, Tito Lívio, Maquiavel, Hobbes e Richelieu. (CASTRO, 2012)

¹ Nexo - Que tipo de mundo emerge do discurso de Trump sobre política externa. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/04/29/Que-tipo-de-mundo-emerge-do-discurso-de-Trump-sobre-pol%C3%ADtica-externa>> Acesso em 07 nov. 2011.

Foram imensas as mudanças que o mundo pós-guerra trouxe para as Relações Internacionais. Sobre este assunto, Castro (2012, p.323) afirma:

O mundo pós-guerra inicia o período da era nuclear das Relações Internacionais. As duas bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki revelam para o mundo a força, o thanatos, diante dos impressionantes avanços nas telecomunicações, na medicina, nas ciências aeronáuticas e espaciais. Academicamente, há, nesse contexto, a consolidação da separação da disciplina das Relações Internacionais, com sua autonomia metodológica, de outras áreas, tais como a história e o direito internacional. Além disso, o contexto da guerra fria descortina a rivalidade de “soma zero” bipolar que influenciará nas concepções de Morgenthau sobre a a moralidade da política internacional.

Morgenthau discorre em sua obra a importância da diferenciação entre a moral pública e a privada. O autor também expõe a visão de que a o interesse por poder e dominação nunca se esgota e, inclusive, justifica a utilização de armas de destruição de massa para a proteção do espaço territorial e qualquer outro interesse do estado. (CASTRO, 2012)

Além de Hans Morgenthau, outros estudiosos da política externa norte-americana, como Kissinger e Kennan, contribuíram para a estruturação desta linha teórica. A ideia dos teóricos indicados é de que “as Relações Internacionais são focalizadas no poder, no interesse e na força dos Estados centrais”. (CASTRO, 2012, p.324)

Na interpretação neoclássica do realismo, alguns fatores, como a população estrategicamente posicionada, contribuem diretamente para o fortalecimento do poder no seu sentido mais amplo. Outra colocação de Hans, é que todo estado deve possuir como prioridade da política externa a soberania estatal e a segurança. Contudo, apesar de várias colocações feitas pelo autor, as máximas desta corrente são: a defesa da integridade territorial do estado e um plano de manutenção para o mesmo. (CASTRO, 2012)

De acordo com esta teoria, quando as forças armadas de um estado apresentam algum aspecto de fragilidade, ou de muita força, elas expõem materiais importantes para uma análise sobre a sua relevância. Sendo assim, é recomendado que as forças armadas estejam sempre bem equipadas, com armas modernas e tecnológicas que possuam alta capacidade de destruição para que assim, o estado consiga defender a sua soberania. Neste sentido, a guerra se torna um elemento importante para o alcance dos objetivos do estado. (CASTRO, 2012)

Após o estudo realizado sobre a corrente neoclássica do realismo, nota-se que esta linha teórica, defende cegamente o fortalecimento das forças armadas do

estado e até mesmo as guerras, desde que tudo seja feito para proteger o estado de qualquer ameaça. Agora será abordada a terceira subvertente do realismo, que é o neorrealismo.

As primeiras premissas do neorrealismo foram feitas por Kenneth Waltz na década de 1950, quando teórico defendeu a sua tese de doutorado, que trouxe à tona importantes observações sobre o caráter das guerras entre os estados, a natureza humana e o perfil do estado. Essas informações, tempos mais tarde, foram materializadas no livro “*Main the State, and War: A Theoretical Analysis*”, mas as ideias do autor só ganharam forças a partir de 1991, quando o neorrealismo foi abalado como o fim da guerra fria. Waltz faz grandes explorações sobre as forças individuais e psicológicas, os fatores sistêmicos da anarquia internacional e a natureza dos regimes domésticos. (CASTRO, 2012)

Uma das contribuições de Waltz para o neorrealismo é, de fato, sobre a origem das guerras. De acordo com o teórico, as guerras ocorrem como uma forma de identificar possíveis abalos sísmicos e conseguir provocar uma beligerância e outra é o seu estudo sobre “as estruturas essenciais do processo decisório dos Estados, revelando o perfil e a natureza da política internacional” (CASTRO, 2012, p.327)

Em 1979, Waltz publica a sua grande obra, chamada “*The Theory of International Politics*”. Neste livro, o teórico exemplifica como os sistemas bipolares podem ser mais fortes por não apresentarem uma única força e possuírem a contribuição um do outro. (CASTRO, 2012)

Para a melhor compreensão do livro de Waltz, Castro (2012, p.327 e 328) destaca que anteriormente é preciso entender que neste mesmo ano:

A Guerra Fria, iniciada em 1945, já tinha quase atingido sua quarta década de rivalidade de soma zero e de conflitos na periferia e na semiperiferia em nome dos ideais por ela, inflamadamente, proclamados. Em 1979, especificamente, em 25 de dezembro daquele ano, a URSS invade o Afeganistão e derruba o então Presidente Hafizullah Amin que fora, posteriormente, substituído por Babrak Karmal. Em 1979, duas outras importantes revoluções fizeram parte do contexto histórico bipolar: a revolução nicaraguense sandinista que derruba Anastásio Somoza e a revolução iraniana que derruba o Xá Reza Pahlevi, no poder desde a década de quarenta.

Compreende-se então, que a corrente neorrealista do realismo ganhou força principalmente pelo final da guerra fria e que o autor usou a natureza humana para justificar a política internacional. Outra colocação pertinente é a de autoajuda, sendo ela, a ideia de que um estado sempre irá atrás de outros estados quando precisar

defender seus interesses, fazendo assim, uma espécie de troca de favores. De acordo com Waltz (1979 apud CASTRO 2012, p.328) quando os estados se unem eles estão tentando pelo menos garantir a própria sobrevivência.

A última abordagem da corrente realista é a pós-bipolaridade, que é entendida como o realismo ofensivo e o realismo de choque civilizatório. O realismo ofensivo, conhecido também como a corrente pessimista do realismo, se originou logo após o fim da guerra fria, em 1993, primeiramente pelas ideias apontadas no artigo da *Foreign Affairs* que posteriormente deu a origem ao livro “O Choque de Civilizações”, escrito por Samuel Huntington. (CASTRO, 2012)

John Mearsheimer em seu livro “*The Tragedy of Great Power Politic*”, defende a ideia de que o estado, por mais que já possua poder, nunca está satisfeito e sempre busca maneiras para conseguir maximizar o poder que ele possui sobre o mundo e que isso faz as nações que possuem mais força agirem de forma agressiva. Levando em consideração a compreensão de Huntington em conjunto com as ideias de Mearsheimer, é entendido que a política internacional é constituída não só pelas contradições do sistema capitalista, mas também pelo choque entre as civilizações. (CASTRO, 2012)

Após estudar todas as sub vertentes da corrente realista das teorias das Relações Internacionais, compreendeu-se que todas elas estão extremamente correlacionadas com a busca que o estado faz pelo poder. Também foi notório que todas as correntes colocam como o principal alvo para estudo, o estado, pois para o realismo, o estado é o ator principal das Relações Internacionais.

3.1.2 ESCOLA DO LIBERALISMO

O liberalismo, assim como o realismo, passou por diferentes fases ideológicas, começando pelo clássico e se estendendo pelo liberalismo sociológico e posteriormente, democrático-republicano. Nesta fase do estudo, serão abordados os principais autores da escola e suas principais contribuições para as teorias das Relações Internacionais.

A vertente clássica do liberalismo é a que constitui a base para os restantes estudos liberais e a sua estruturação, quase por completa, é totalmente oposta às compreensões feitas pelos teóricos do realismo. Enquanto o realismo defende o

estado como o principal ator das Relações Internacionais, o liberalismo defende, que além deste é preciso considerar outros aspectos relevantes, tanto no âmbito interno quanto externo. (CASTRO, 2012)

Os principais teóricos que contribuíram para a consolidação da corrente liberalista são: Marsílio de Pádua, More, Abade de Saint-Pierre, Locke, Bentham e Kant. Em sua maioria, os teóricos defendem de maneira otimista e também progressista a confiança na natureza humana e a divisão das responsabilidades entre os estados para bens comuns, como por exemplo, a paz e a justiça. Das obras relevantes para a consolidação desta escola, é de extrema importância destacar a “*Defensor Pacis*”, escrita por Marsílio de Pádua e a obra intitulada como “Da Monarquia”, escrita por Dante Alighieri. (CASTRO, 2012)

Se a corrente realista defende a guerra como um fator importante para a preservação do estado, o idealismo clássico defende a ideia de o pacifismo de forma cooperativa entre os estados e complementa que uma sociedade pacificada seria uma comunidade perfeita, como já havia sido exposto na obra de Marsílio e também foi dito pelo escritor Thomas More no livro “Utopia” que diz que “os Utopianos lamentam e chegam mesmo a envergonhar-se de uma vitória sangrenta, considerando loucura comprá-la por tal preço” (apud CASTRO, p.338)

Castro (2012, p.340) coloca alguns fatores importantes que marcam o liberalismo clássico:

A lógica da boa fé, da cooperação, da interação normativa e igualitária das unidades políticas na esfera internacional e um arcabouço jurídico capaz de articular a paz e a justiça mundiais por meio de partilha e aceitação de valores universais.

A linha sociológica do liberalismo se fundamenta-se com a ideia da importância da relação entre os estados, enquanto a perspectiva democrático-republicana defende a relevância de uma comunidade internacional, defendendo a voluntariedade e a paz. (CASTRO, 2012)

Para a corrente sociológica, o pluralismo é algo imprescindível capaz de fortalecer a diversidade entre os autores e a ampliação dos estudos não somente colocando o estado como alvo central. Ainda para esta corrente, os autores discorrem sobre a importância da transnacionalização para o alcance da paz, do crescimento e estabilidade mundial. Karl Deutsch foi um dos teóricos defensores da linha sociológica do liberalismo e acreditava na tese de que a sociedade se

fortificaria através de trocas mútuas que colaborariam diretamente para a fortificação coletiva. (CASTRO, 2012)

Sobre o liberalismo sociológico, Castro (2012, p. 343) afirma que:

No liberalismo sociológico, não somente o papel da troca, do contato e do diálogo amplo e construtivo, mas, principalmente, a ética, o respeito princípio lógico a valores universais e a moralidade jus-naturalista são marcas importantes.

Conclui-se que o liberalismo sociológico defende a contribuição de um estado com o outro, enfatizando que ações como essas podem diminuir a tensão entre os estados, diminuindo também as chances de guerras, transformando a comunidade em algo mais harmonioso e pacífico.

A vertente democrático-republicana, por sua vez, tem como um dos seus principais autores Kant, que também foi um ícone importante para o liberalismo clássico, em seu livro chamado “Da Paz Perpétua”, o teórico expõe sua visão de não intervenção e do respeito às leis internacionais. Ainda nesta linha liberal, acredita-se na ideia de uma democracia através de uma política transparente. Além de estimular os estados a cooperarem uns com os outros, incentivando o desenvolvimento de ambas as partes. (CASTRO, 2012)

Após o estudo referencial realizado sobre a escola liberal, entendeu-se que esta tem propostas diferentes do realismo. Para os teóricos liberalistas, mais que o poder, é importante que os estados se harmonizem e busquem sempre ajudar uns aos outros, conseguindo, desta maneira, estabelecer a paz entre as nações.

Aprofundar os conhecimentos sobre esta escola é muito importante para o presente estudo, tendo como verdade o artigo de Mearsheimer (2016) que afirma que a política dos Estados Unidos, nas duas últimas décadas antes da eleição de Trump, baseavam-se nesta corrente para as práticas de segurança, política externa e também nos conceitos de democracia. Desta maneira, exigia-se que o EUA dominasse o mundo inteiro e se importasse com ele todo, tendo em vista que o globo inteiro era importante para a garantia da segurança norte-americana. Ainda em sua obra, o autor afirma que os discursos de Trump antes das eleições, prometiam o desenvolvimento de novas diretrizes e discorre sobre como a corrente liberal, no âmbito da política externa, tornou-se uma estratégia falida, já que as tentativas de promover a democracia com os países do Oriente Médio foi um fracasso, como comprova-o nas guerras ocorridas nos estados pertencentes, com exceção do Egito.

3.1.3 ESCOLA CRÍTICA – TEORIA RADICAL

Os conceitos da escola crítica têm suas origens na Escola de Frankfurt, que foi de extrema importância não só para o saber internacional, mas também para a comunicação, as ciências sociais e para a filosofia. Conhecida como pós-positivista, a teoria radical surge a partir da compreensão do conjunto normativo dos métodos aplicados para a compreensão das Relações Internacionais. (CASTRO, 2012)

Contudo, antes de explicar a relevância desta escola para a teoria das Relações Internacionais, é válido destacar que o Instituto de Pesquisa Social da universidade de Frankfurt é a representação crítica tanto para as ideias capitalistas quanto para as teorias socialistas. Os principais teóricos de Frankfurt são Grunberg, Adorno, Benjamin, Marcuse e Hokenheimer. (CASTRO, 2012)

Os primeiros resquícios importantes para as Relações Internacionais foram expostos através do artigo de Hoffman, intitulado como “*Critical Theory and the Inter-Paradigmatic Debate*” de 1987, que apresentou uma alternativa teórica para as duas vertentes: o realismo e o liberalismo. Alguns pontos apresentados pela teoria crítica são: teoria e prática nem sempre caminham no mesmo sentido no âmbito das Relações Internacionais; tanto o realismo como o liberalismo não apresentam soluções e apenas mascaram as formas de opressão entre os estados e a crítica às leis estabelecidas nas Relações Internacionais, propondo mudanças que seriam mais cabíveis, na vista dos teóricos, para a realidade internacional. (CASTRO, 2012)

Ainda sobre a relevância da teoria radical, Castro (2012, p. 377) aponta:

Outro ponto de forte defesa da teoria crítica diz respeito aos discursos científicos do mainstream em Relações Internacionais. Como já externado anteriormente, a compreensão de certa neutralidade científica com sua objetividade e impessoalidade, quando estruturada em epistemologias sociais, humanas e políticas, torna-se quase impossível de ser atingida, daí a crítica pontual da Escola de Frankfurt.

Outros expoentes de grande importância da escola crítica para as Relações Internacionais, são Robert Cox e Andrew Linklater. Cox, publicou uma obra 1996, que ficou conhecida como “*Approaches to World Order*” que discorre sobre os principais pilares da escola crítica. Basicamente este livro abordava as formas de compreensão do cenário internacional e a forma estrutural das relações mundiais. Castro (2012, p.379) completa que:

Cox não ingressa na vala comum das utopias quiméricas, ou ainda das utopias irracionalmente vãs e vazias. Ao contrário, Cox defende posturas intermediárias de se advogar novas escolhas internacionais reformistas

diante dos processos históricos e seus constrangimentos. Cox, além disso, é partidário de uma análise histórica rigorosa como forma de retratar as forças vigentes e suas condicionantes sobre os atores internacionais.

Andrew Linklater, quando defendia a sua tese de doutorado em 1978, trouxe grandes reflexões para a teoria crítica, tanto para as análises individuais quanto para as coletivas. No trabalho que apresentava grandes influências de autores como Kant, Andrew expôs a ideia de uma nova organização para a cidadania e uma reestruturação do contrato social. Ainda sobre a importância do autor, Castro (2012, p. 380) ressalta que:

Para o teórico em questão, o ideal de emancipação que é originário do Iluminismo, ao ser resgatado e questionado pela Escola de Frankfurt tem papel importante para além do mero marxismo (e neomarxismo). A praxeologia em Linklater oferece oportunidade ímpar no processo de reconstrução das liberdades em um novo quadro panorâmico de cidadania ampliada. Ou seja, Linklater defende avanço no pensamento crítico como também advoga a desconstrução das principais correntes da teoria política realista em Relações Internacionais.

Para o presente estudo, a mais relevante contribuição da Escola de Frankfurt são os discursos sobre a Indústria Cultural. Neste momento, será abordado este conceito para que ainda no final deste capítulo seja mais fácil a compreensão do *Soft Power*. O termo criado por Adorno e Horkheimer (1985) exemplifica a arte como mero produto. Se anteriormente existia apenas o termo cultura de massa que englobava a cultura produzida pelo próprio povo foi necessário a criação da Indústria Cultural para que os autores conseguissem abordar o tema em questão, que é a produção de cultura com foco em quem vai consumir este produto. Neste sentido, a cultura deixa de ser produzida pelo povo e passa a ser produzida para ele.

Depois de analisar a Escola de Frankfurt, notou-se que essa vertente apresentou um modo intrigante para o saber internacional. Se antes a briga era entre a corrente radical e a liberal, a teoria crítica trouxe novas reflexões para o cenário internacional, colocando em dúvida todos os preceitos defendidos pelas outras escolas e trazendo novas percepções para as teorias das Relações Internacionais. Além disso, a Indústria Cultural traz uma nova concepção de como a cultura, em tempos de globalização, se tornou mero produto.

3.1.4 ESCOLA INGLESA

Contrária das teorias apresentadas até então, a escola inglesa, é constituída pelo cenário das suas reflexões. Alguns expoentes da escola são: Terry Nardin; John Vincent; Michael Walzer; Martin Wight e Hedley Bull. Os teóricos desta vertente utilizaram de alguns conceitos do realismo e também de algumas colocações do liberalismo para a formação da própria teoria, tornando-se se assim uma ponte entre as duas correntes. (CASTRO, 2012)

Entretanto, não se pode negar que esta vertente é bem confusa para algumas pessoas. De acordo com Castro (2012, p.382):

A premissa fundamental da escola inglesa representa certa contradição ao leitor/analista desatento. Como é possível conciliar anarquia estrutural com uma sociedade internacional, especialmente quando se pressupõe que o termo “sociedade” está calcado em ordem interna e reconhecimento de regras comuns aos integrantes? Esse é o foco principal dos argumentos da Escola Inglesa: a conciliação possível de regras e instituições por meio de hermenêutica metódica tripla (jurídica, filosófica e histórica) de uma sociedade internacional que é pautada pela anarquia. Toda ordem precisa de determinados preceitos (jurídicos, morais, institucionais) que a condicionam, só que a (des)ordem internacional possui peculiaridades que se apresentam como pertencentes a outra natureza de interrelacionamento entre os sujeitos (atores) internacionais.

Para o seu desenvolvimento e entendimento internacional, a escola utilizou de três pilares: a técnica científico-jurídica, o método e a matriz histórica, e o sistema filosófico. Esses três eixos se unem para conseguir organizar uma única compreensão analítica para a realização dos estudos do sistema internacional. Além das informações já citadas, outra colocação importante sobre a escola inglesa é o conceito que a mesma possui sobre justiça. (CASTRO, 2012)

Bull, era um australiano que se formou no Reino Unido. Uma das suas principais obras para a escola inglesa foi “A Sociedade Anárquica”, publicada em 1977, que fez reflexões sobre uma possível união entre a moralidade internacional e a jurisprudência, complementando que sem esta junção se tornaria quase impossível realizar uma análise acadêmica séria. Nesta linha de raciocínio, Bull (1977 apud CASTRO, 2012, p. 382) define o direito internacional como um “conjunto de regras que ligam Estados e outros agentes da política mundial em suas relações recíprocas, aos quais se atribui status legal”. Bull, ainda faz outra contribuição para a

escola quando diz que a sociedade está unida através das leis e outras regras sistemáticas que são aceitas pelos estados. (CASTRO, 2012)

Outro expoente que marca a escola inglesa, Wight, se inspirou em grandes teóricos como Maquiavel, Grócio e Kant para a formulação da sua teoria que defende a existência de três grandes eixos inseridos no comportamento externo dos estados, sendo eles: o realismo, o racionalismo e o revolucionarismo. Para o autor, a compreensão desses três paradigmas é de extrema importância para o entendimento da política internacional. (CASTRO, 2012)

Levando em consideração as colocações dos autores, é possível entender que a escola inglesa está ligada a uma espécie de sociedade de estados e que a sua forma estrutural, apesar de confusa, apresenta um raciocínio mais aberto, sem precisar defender um lado ou outro cegamente. Diferente da Escola de Frankfurt, a inglesa prefere utilizar tanto das ideias realistas como as liberais para maior entendimento dos fenômenos internacionais.

3.1.5 ESCOLA CONSTRUTIVISTA

A última escola, porém, não menos importante, abordada no presente estudo, é a construtivista. Iniciados no ano 1989, através da obra de Nicholas Greenwood, nomeada como "*World of our Making – Rules and Rule in Social Theory and International Relations*", com uma origem diversificada, os conceitos construtivistas deram a abertura para uma terceira geração de debate para as Relações Internacionais. Com grande influência sociológica, a escola tinha como referência expoentes como Anthony Giddens, Peter Berger e Thomas Luckmann (CASTRO, 2012)

Rocha (2002) expõe que a escola construtivista analisa as relações entre os estados em um ambiente cujas as normas e os agentes influenciam uns aos outros reciprocamente. Ou seja, nenhuma ação é realizada sem alguma razão.

Wendt, um dos teóricos mais relevantes da teoria construtivista, em 1999, escreveu a "Teoria Social da Política Internacional", fazendo uma crítica as ideias apresentadas por Waltz no neorealismo. Wendt defende a ideia de que nem sempre os estados possuem as mesmas vontades, como defendia Waltz, e que isso interfere diretamente na direção em que esses vão seguir. Se para Waltz todos caminhavam em direção da anarquia, para Wendt, é impossível analisar todos os

estados de uma única maneira. Além disso, Wendt também discorre sobre a falta de socialização no neorrealismo, que para o autor, acontece pelo mesmo motivo da ideia de que todos os estados querem as mesmas coisas. (CASTRO, 2012)

A visão de Wendt também aborda a importância do conhecimento histórico e da cultura para entender as relações entre os agentes e estabelece três eixos que constituem a teoria social, sendo eles: as condições materiais; os interesses e as ideias. Para o autor, entendendo esses três elementos de um estado é muito mais fácil a compreensão da sua realidade. Por último, ainda lista cinco necessidades humanas que o estado deve colaborar para suprir: a segurança física, a autoestima, a segurança ontológica, a sociabilização e a transcendência. (CASTRO, 2012)

Esta terceira geração, conhecida como construtivismo, é de extrema importância para avaliarmos as eleições de norte-americanas. Como foi evidenciado por pela visão de Wendt (apud CASTRO, 2012) existem necessidades humanas que o estado precisa ajudar a sociedade suprir. Quando o povo sente essas necessidades humanas ameaçadas, é possível que exista uma revolta contra a maneira que a política segue. Nas palavras Poggi (2017, p.3):

A surpreendente ascensão de Trump durante a campanha das primárias trouxe à tona e deu alento a antigos ressentimentos, medos e inseguranças de uma parcela expressiva da classe trabalhadora branca norte-americana, popularmente conhecido pelo codinome derogatório de “white trash” ou lixo branco. Esse peculiar conjunto de brancos pobres, com baixo nível educacional e especialmente concentrados nas zonas rurais do Sul e do meio Oeste sofreu historicamente dois grandes “golpes” que alteraram sensivelmente seu status social: a abolição da escravidão e o fim do regime segregacionista do Jim Crow. Tais mudanças em direção a uma maior inclusão social, respeito à diversidade e em defesa do multiculturalismo tocaram profundamente o ego e a auto estima dessa parcela empobrecida e desvalorizada da classe trabalhadora norte-americana.

3.2 O CONCEITO DE SOFT POWER

“*Soft Power*”, traduzido para o português como poder brando, é um termo que começou a ser utilizado em meados da década de 1990 por Joseph Nye Jr. Para uma melhor compreensão deste conceito, é necessário que antes seja entendido o que de fato significa poder. De acordo com Nye (2002, p. 30), poder pode ser definido como “a capacidade de obter os resultados desejados e, se necessário, mudar o comportamento dos outros para obtê-los”.

O poder brando é colocado em prática não só pelo o governo, mas também pelas indústrias e diferentes grupos não governamentais. Para que a

estratégia possua eficácia, é necessário que o estado crie ações convidativas que consigam atrair aqueles que não pertencem ao estado. (NYE, 2002)

Dando ênfase ao poder brando norte-americano, que é o estado relevante para o presente estudo, é possível fazer a identificação das produções de Hollywood como uma forma de fortalecimento do poder brando, pois esses enredos estão carregados de valores e modelos americanos. Nesta linha de raciocínio, as empresas multinacionais elaboram suas propagandas inspiradas nos padrões e valores americanos e quando essas são transmitidas em outros países acabam incorporando esses ideais na cultura local. Sendo assim, esses agentes são os principais responsáveis pela propagação da cultura norte-americana. (NYE, 2002)

A intensificação da globalização, que foi citada no segundo capítulo, também é um fator que colabora para a execução do poder brando. Em especial a globalização social, torna-se de fácil entendimento quando é percebida a relevância da internet e de Hollywood para o surgimento do que existe hoje: uma cultura homogênea mundial. Nye (2002, p,40) ainda expõe que “uma vez que grande parte da revolução da informação provém dos Estados Unidos e grande parte do conteúdo das redes de informação global normalmente é criada no país o que aumenta o ‘poder brando’ norte-americano.” Considerando essas informações é entendido que o poder brando americano é propagado por todo o globo através de filmes, músicas, séries de TV e propagandas.

É notório, então, que o poder brando está relacionado com a credibilidade que um país possui sobre os outros. Nye (2002) cita que quanto mais um estado dispor de poder brando sobre os outros, mais fácil ele conseguirá alcançar os seus objetivos. Relacionando a teoria da Indústria Cultural, é possível identificar que os filmes de Hollywood, por exemplo, possuem a intenção de vender o estilo norte-americano para os outros estados. Tornando o globo todo fanático por uma cultura que não condiz a própria realidade. Nesta linha de pensamento, compreende-se, então, que os roteiristas já inserem a estratégia de “*Soft Power*” nas suas produções. Filho (2008, p. 14), retrata Hollywood como “a maior fonte de propaganda política do tipo *Soft Power*”.

Após toda a discussão sobre o conceito de poder brando, compreende-se que toda a influência que a mídia possui sobre os estados se constitui como *Soft Power*.

SANTOS (2016) retrata que Donald Trump, utilizou das suas habilidades de comunicação para realizar sua campanha, prometendo solucionar todos os anseios do povo norte-americano.

Nye (2002, p.36) diz que:

Na política mundial, é possível que um país obtenha os resultados que quer porque os outros desejam acompanhá-lo, admirando os seus valores, imitando-lhe o exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade. Neste sentido é igualmente tão importante estabelecer a agenda na política mundial e atrair os outros quanto forçá-los a mudar mediante a ameaça ou o uso das armas militares ou econômicas. A este aspecto do poder – levar os outros a querer o que você quer -, dou o nome de poder brando. Ele coopta as pessoas, ao invés de coagi-las.

É certo que o autor usa as definições de poder brando na política externa. Entretanto, fazendo uma comparação das atitudes pré-eleitorais de Donald Trump com as colocações de Nye é possível identificar que o atual presidente dos Estados Unidos utilizou a mídia como uma forma de atrair a sociedade norte-americana. E como já foi compreendido, a mídia possui caráter influenciador.

3.3 OPINIÃO PÚBLICA

Para a melhor compreensão de opinião pública é válido fazer uma retrospectiva histórica da comunicação em Atenas, na Grécia, no final do século V a. C., que foi quando apareceram os primeiros líderes de opinião. Esses chefes, eram homens que conduziam as pessoas. Desta forma, os gregos foram os primeiros povos a usar o saber comunicacional para influenciar, baseados nos pensamentos sofistas e pré-socráticos. Contudo, foram os Romanos que fizeram as primeiras compreensões de como os processos comunicacionais são essenciais para o exercício político, a garantia do poder e o controle social. (FERREIRA, 2015)

Além disso, é possível numerar diferentes pontos da evolução da comunicação na história, como por exemplo, as Cruzadas, na Europa, no período da Idade Média quando foram desenvolvidas as primeiras propagandas que tinham o intuito de recrutar homens e também período do renascimento, aonde o indivíduo começa a ganhar mais espaço e direito de opinião, mas que por outro lado, na vista política, surgem as manipulações através do demagogo que tem a intenção de conquista a opinião do povo. (FERREIRA, 2015)

Ainda em uma análise retrospectiva, Ferreira (2015, p.57) diz que:

Em 1789, verifica-se, durante a Revolução Francesa, que a opinião proclamada como sendo a do povo pertencia, na verdade, a um pequeno grupo que estava no poder. No século XIX, ocorre a primeira revolução industrial e surge a imprensa e o foco passa para os problemas sociais e econômicos. Com o século XX, tem-se a democracia moderna e as novas técnicas de manipulação de opiniões; a opinião pública serve para avaliar os atos governamentais.

E Senna (2007) expõe que ainda no século XIX na Europa opiniões expressadas através dos jornais e revistas pelos políticos eram sinônimos de opiniões públicas e que essas só eram ferramentas acessíveis por aqueles que possuíam poder econômico.

Apesar destas confirmações, após analisar as definições de outros autores. Compreende-se que a opinião pública se trata de um conceito sem uma definição consensual. Sendo assim, neste presente trabalho será abordado a posição de diferentes autores para este conceito. Speier relata que “a opinião pública, em primeiro lugar, é uma comunicação entre os cidadãos e seu governo e apenas secundariamente uma comunicação entre cidadãos” (1972, apud FERREIRA, 2015, p.58) e ainda faz uma ressalva dizendo que a opinião pública só acontece nos estados democráticos e que quando o governo ignora a opinião do povo sobre as questões caracterizadas como públicas, é impossível nomear como opinião pública.

Augras (1980, apud FERREIRA, 2015) caracteriza a opinião pública como uma corrente de opinião que é definida a partir do sentimento do povo. Tarde (1991 apud FERREIRA) caracteriza que a opinião está ligada aos públicos da mesma forma em que a nossa alma está ligada ao nosso corpo. Para o autor, é possível definir que a opinião é formada por um grupo que possui o mesmo julgamento sobre determinado assunto e que em algum momento passam a reproduzir esta ideia no mesmo espaço e tempo. Com uma ideia bem parecida, Arendt (2000 apud FERREIRA 2015) contextualiza que a opinião pública nada mais é do que tudo aquilo que partilhamos com a sociedade sem nenhum interesse por trás, apenas a exposição do que pensamos.

Sobre este assunto Speier (apud 1972 FERREIRA, 2015, p.55) expõe:

A opinião pública é frequentemente considerada como opinião revelada a outros ou, pelo menos, notada por outros, de modo que as opiniões alheias, que se ocultam ou disfarçam, podem denominar-se opiniões particulares ou clandestinas. Nessas condições, o critério para distinguir entre a opinião particular e a opinião pública parece residir no domínio da comunicação.

Considerando todas as informações levantadas, foi compreendido que a opinião pública é um conceito que foi mudando com o passar do tempo e que

mesmo assim cada autor define este conceito de uma maneira. Contudo, para o presente estudo, é relevante considerar as considerações realizadas nos últimos cinquenta anos e assim conseguimos definir a opinião pública como um fator relacionado diretamente com a opinião de um grupo de pessoas e que possui relevância capaz de influenciar outras pessoas. É de extrema importância entendermos o poder que a comunicação pública possui para que seja compreendido como a mesma influenciou nas eleições presidenciais ocorridas em 2016 nos Estados Unidos. Destacando o poder de influência da TV que ainda, segundo uma pesquisa realizada pela mídia brasileira SECON, 83% das pessoas utilizam-se da televisão como meio principal de informação, contra 67% da internet que vem crescendo gradativamente, garantindo uma maior integração, identificando e proporcionando uma estratégia de segmentação eleitoral.

4 A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NORTE-AMERICANAS DE 2016

Agora que já foi demonstrado os conceitos de mídia, a importância que esses meios de comunicação têm para a sociedade e as teorias das Relações Internacionais. Chegamos ao último capítulo do presente estudo que trará as conclusões de como a mídia influenciou nos resultados das eleições que elegeram Donald Trump, nos Estados Unidos. Para isso: primeiramente será discutida a importância da mídia nas campanhas eleitorais em geral, por conseguinte, será apresentada uma breve explicação de como ocorrem às eleições presidenciais nos Estados Unidos, para que depois seja feita a análise de como os candidatos se apresentaram nos debates para que no fim seja justificado através de teorias, quais os veículos de comunicação que beneficiaram para que Trump se elegeisse.

4.1 A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA PARA AS CAMPANHAS ELEITORAIS

Os estudos sobre a importância da mídia nas campanhas eleitorais é um assunto que vem sendo estudado por vários autores da comunicação e das Relações Internacionais. Contudo, as primeiras falácias sobre assunto se originaram da obra "*Public Opinion*", publicada em 1922, por Walter Lippmann. Neste livro, o autor responsabiliza a propaganda como uma grande responsável por persuadir as pessoas. Além disso, o teórico expõe que os meios de comunicação são a fonte de informação da sociedade, por isso tem a capacidade de influenciar na ideologia de todos. (BORBA, 2008)

As compreensões de Lippmann serviram de alicerce por muito tempo para os estudos sobre os efeitos das campanhas midiáticas, sua teoria ficou popularmente conhecida como a "agulha hipodérmica", reforçada pela a ideia de que a propaganda consegue "injetar" suas ideias para os indivíduos. Entretanto, as visões do autor em questão não realizavam nenhum tipo de análise sistêmica sobre os efeitos que as propagandas possuíam sobre o povo, então, em 1944 é publicado o livro "*The People's Choice*", por Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet. Nesta obra que tinha como objetivo fazer a análise das eleições presidências norte-americanas de 1940, os autores fizeram a primeira análise sistemática sobre os efeitos que as campanhas eleitorais tinham no comportamento das pessoas. (BORBA, 2008)

Por considerarem o Condado de Erie como um modelo padrão, os escritores do “*The People’s Choice*” utilizaram-se do mesmo para fazer a análise que comprovou a teoria dos efeitos das campanhas políticas. Através da *panel*, uma metodologia formada através de entrevistas repetidas com os mesmos candidatos em momentos diferentes da campanha, os teóricos chegaram à conclusão de que as propagandas tinham muito poder de persuasão. Ainda neste mesmo livro, os expoentes chegaram à conclusão de que as campanhas eleitorais possuem três propósitos diferentes, sendo eles: ativar o interesse naquelas que não se importam com política, reforçar a intenção daqueles que já possuem algum interesse de voto e converter os que apoiam a oposição. Todavia, os autores concluíram com o resultado das pesquisas que o maior efeito sobre as pessoas é o de reforçar. Borba (2008, p.303) explica o motivo deste efeito ser o mais ativo:

As pessoas possuem uma série de predisposições políticas, fundadas especialmente em seus traços socio-demográficos, que não gostam que sejam questionadas. O resultado é a tendência dos indivíduos a exporem-se seletivamente às mensagens que estão em consonância com suas predisposições, mensagens que não desafiam suas crenças de longo prazo.

Os estudos que foram sendo realizados posteriormente começaram a identificar a importância que o partido político tem para o indivíduo na hora de fazer a escolha do seu voto. Anthony Downs identifica que a afinidade partidária encurta o processo de decisão eleitoral e Campbell argumenta que as pessoas criam simpatias pelos partidos e seguem apoiando e votando no mesmo por muitas eleições. (BORBA, 2008)

Borba (2008, p. 304) expõe:

Os autores da perspectiva da teoria racional salientavam que o fator decisivo na escolha política era o julgamento retrospectivo da capacidade administrativa do governante. O julgamento retrospectivo baseia-se na premissa segundo a qual cada eleitor age em resposta ao que percebe e experimenta em relação às condições do país, punindo ou premiando os partidos de acordo com suas atuações, como se fosse um juiz.

Em 2005, Comstock produz uma nova perspectiva sobre a relevância das campanhas eleitorais, levando em consideração as transformações históricas que ocorreram na sociedade. Em sua obra, o autor destaca como desenvolvimento dos meios de comunicação de massa colaboraram para o declínio dos papéis que antes eram relacionados aos partidos. Nesta linha de raciocínio o autor interpreta que a mídia possui mais poder que os partidos para influenciar a opinião pública. O autor ainda ressalta como a criação dos “*spots*” (propaganda eleitoral) de 30 segundos

exibidos na televisão financiados pelos partidos conseguem diminuir o filtro que as pessoas têm para receber informações que contradizem com os seus ideais, sendo este o fato que faz cada dia aumentar os gastos dos comitês eleitorais com a televisão. (BORBA, 2008)

Holbrook argumenta como a opinião pública evolui em ano eleitoral e ressalta sobre como o sucesso das campanhas eleitorais estão totalmente ligados ao poder que os candidatos têm em persuadir a sociedade. Ou seja, tem mais sucesso quem melhor consegue entreter os indivíduos. (BORBA, 2008)

Apesar da importância de todos esses levantamentos e a relevância deles para a conclusão deste estudo, não podemos deixar de colocar aqui, que na última década, a popularização da internet alterou, de forma significativa, o local em que os indivíduos buscam mais informação. Sendo assim, nos dias atuais, a internet substituiu o poder que a televisão tinha entre os meios de comunicação, tornando-se a ferramenta mais poderosa e influente na sociedade. Considerando estas informações, é notório que para o âmbito das campanhas eleitorais a internet também trouxe uma nova significação. (BRAGA; CHAIA, 2009)

Para evidenciar como a internet realmente possui poder nos dias atuais, podemos dar o exemplo das campanhas presidências de Barack Obama em 2008. O candidato, que foi vencedor, utilizou dos recursos da comunicação digital e abriu novos canais que possibilitaram a interação política. (BRAGA; CHAIA, 2008)

Entender como a mídia tem importância nas campanhas eleitorais é o ponto crucial para a compreensão de como Donald Trump ganhou as últimas eleições nos Estados Unidos. Atualmente, os meios de comunicação são as ferramentas mais poderosas para conseguir intervir nas escolhas dos indivíduos, este fator não pode deixar de ser considerado em nenhum aspecto, muito menos nas campanhas políticas.

4.2 AS ELEIÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS

Antes de detalharmos como ocorreu a última eleição dos Estados Unidos é necessário discutir como ela acontece. Segundo uma matéria publicada pelo site da

revista Super Interessante², o poder eleitoral dos Estados Unidos é dividido entre dois partidos, o Republicano e o Democrata. Comumente eles começam o ano das eleições presidenciais sem nenhum candidato escolhido, e ao decorrer das primárias indiretas, os eleitores escolhem um dos pré-candidatos. Entretanto, o voto ainda passa pelos delegados e cada partido opta por uma forma de representar os seus eleitores. Na sequência disto, acontece um comício televisionado, aonde milhares dos delegados dos dois partidos votam nos pré-candidatos escolhidos pelo partido e ao final divulgam o nome dos dois vencedores e divulgam para os americanos.

De acordo a matéria, depois que os candidatos são escolhidos, em outubro participam de três debates e na sequência é repetido os métodos das primárias nas eleições gerais, só que desta vez com apenas 538 delegados. Neste formato, quem tem mais votos em um estado, ganha os delegados locais e o segundo colocando não consegue acumular delegado nenhum daquela região. A disputa fica mais preocupante nos estados que acumulam o maior número de delegados, como é caso da Califórnia, que contem 55 delegados. Quem acumular mais delegados, vence a eleição.

No dia 19 de julho de 2016, Donald Trump, foi eleito como o candidato a presidência dos Estados Unidos pelo partido Republicano, como já era previsto pelas prévias, ainda em maio, quando o candidato garantiu o maior número de delegados. Apesar de ter conseguido se eleger pela maioria dos delegados, a candidatura de Trump, desde o início, apresentava muita polêmica até mesmo entre os republicanos³.

4.3 AS PESQUISAS ELEITORAIS E OS TRÊS DEBATES ENTRE HILARY CLINTON E DONALD TRUMP

Uma pesquisa realizada em maio de 2016 pela Fox News, com 1021 eleitores, indicava que 45% da intenção de votos eram para Donald Trump, enquanto, 42% apontavam apoio à candidata Hillary Clinton. Nesta mesma pesquisa, mostrava que a democrata tinha o apoio de 50% das mulheres

² Super interessante. Como funciona as eleições americanas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/01/internacional/1454346117_755036.html> Acesso em: 10 de nov de 2017.

³ G1. Mundo. Eleições nos EUA 2016. Partido Republicano confirma candidatura de Trump à presidência. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/07/partido-republicano-confirma-candidatura-de-trump-presidencia.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

entrevistadas, enquanto apenas 36% apontavam a intenção de voto para Donald Trump. Mas que entre os homens a história se invertia, 55% mostravam apoio a Donald e 33% a Hillary⁴.

No dia 26 de setembro de 2016 ocorreu o primeiro debate entre Hillary Clinton e Donald Trump. Horas antes, o site da CNN previa que seria o “maior debate de todos”⁵. De acordo com uma entrevista realizada pela CNN logo após o debate, Hillary venceu o debate contra Trump com 62% de aprovação e somente 27% dos entrevistados indicaram Trump como o melhor, dos 521 eleitores entrevistados pela rede americana⁶.

O segundo debate entre os dois candidatos que aconteceu no dia 09 de outubro de 2016, trouxe como tema os impostos, os refugiados, a saúde e outros assuntos relevantes. Mais uma vez, através da pesquisa realizada pela CNN, Hillary, venceu novamente. Desta vez, 57% dos entrevistados disseram que a democrata havia se saído melhor no debate, contra 34% que indicaram o republicano⁷.

A CNN apontou que na visão dos entrevistados, Hillary Clinton, também venceu o último debate presidencial das eleições de 2016 nos Estados Unidos, com 52% contra 39%. Além disso, nesta mesma pesquisa, a CNN, apontou que 50% dos eleitores questionados, responderam que a candidata do partido democrata conseguiria administrar melhor a economia do país, contra 48% que apontavam Donald Trump⁸.

Contudo, mesmo que a maioria das pesquisas apontassem Hillary Clinton como a vencedora dos três debates, com exceção da Fox News, o que se sabe é que quem venceu as eleições no dia 9 de novembro de 2016 foi Donald Trump. Este resultado traz grandes questionamentos sobre a relevância destas pesquisas e também sobre os fatores que influenciaram o vencimento do republicano, que

⁴ G1. Mundo. Eleições nos EUA 2016. Trump tem 45% e Hillary, 42%, aponta pesquisa sobre as eleições nos EUA. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/05/trump-tem-45-e-hillary-42-aponta-pesquisa-sobre-eleicoes-nos-eua.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

⁵ Folha de S. Paulo. Mundo. Eleições nos EUA. Em primeiro debate, Trump ataca menos e é provocado por Hillary. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/09/1817170-hillary-e-trump-discutem-empregos-e-impostos-em-primeiro-debate-na-tv.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

⁶ G1. Mundo. Eleições nos EUA 2016. Hillary vence debate contra Trump, para 62%, nos EUA, segundo CNN. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/09/hillary-vence-debate-contra-trump-para-62-nos-eua-segundo-cnn.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

⁷ G1. Mundo. Eleições nos EUA 2016. Hillary vence 2º debate contra Trump, para 57%, nos EUA, segundo CNN. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/10/hillary-vence-2-debate-contra-trump-para-57-nos-eua-segundo-cnn.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

⁸ Veja. Mundo. Saiba quem venceu o terceiro e último debate americano. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/hillary-vence-debate-com-margem-mais-baixa-entre-os-anteriores-segundo-cnn/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

mesmo sem o apoio da maioria dos meios de comunicação tradicionais conseguiu se eleger.

4.4 AS MÍDIAS ALIADAS A CAMPANHA ELEITORAL DE TRUMP

É possível apontar a Fox News como uma das principais colaboradoras para que o Republicano vencesse as eleições. É comum que esta rede de televisão, demonstre apoio aos republicanos conservadores em campanhas eleitorais. De acordo com a matéria publicada pelo site da revista *Época*⁹, Sean Hannity, um dos apresentadores mais populares do canal, foi um dos grandes apoiantes de Trump. Para Sean, era necessário entrar alguém que finalizasse com o sistema democrata.

Além disso, como é citado ainda na mesma matéria da revista, outros meios que colaboraram fortemente para a candidatura de Donald Trump, foram o site de propaganda nomeado *Breitbart* e diversas páginas conservadoras do mais novo poderoso meio da comunicação, o *Facebook*. O *Breitbart* é um site ultraconservador que faz uma mistura de meias verdades sensacionalistas com fatos ocorridos. A revista *Época* expõe que o site já atingiu mais de 240 milhões de páginas vistas e 37 milhões de visitantes. O propagandista chefe do site nas eleições de Trump, foi Steve Bannon. No *Facebook*, o caso que ficou mais popular sobre a campanha de Trump, foi de um grupo que possivelmente recebeu dinheiro da macedônia para fazer publicações que beneficiavam o candidato Republicano com informações falsas.

4.5 A TEORIA DA AGENDA SETTING E A HIPÓTESE DA “ESPIRAL DO SILÊNCIO”

A teoria da agenda setting, também conhecida como hipótese do agendamento, foi criada por dois teóricos americanos, Donald L. Shaw e Maxwell E. McCombs. Segundo Martins (2011) “a hipótese da agenda-setting parte do pressuposto de que os meios de comunicação de massa possuem certa capacidade em determinar as pautas públicas a partir daquilo que veiculam”. Sendo assim, os

⁹ *Época*. Mundo. A mídia militante que ajudou eleger Donald Trump. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/mundo/noticia/2016/11/midia-militante-que-ajudou-eleger-donald-trump.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

meios de comunicação, sabendo da influência que possuem entre os indivíduos, selecionam apenas o que acham interessante para as pessoas saberem, como se fosse uma espécie de filtro de mensagens.

Weaver (1996, p. 2) descreve que McCombs e Shaw (1972) encontraram uma forte correlação entre a hierarquia dos temas estabelecidos pelos meios de comunicação e a hierarquia temática expressada pelos votantes. Esta conclusão sugere que os *media* têm uma boa influência sobre os eleitores ou uma sensibilidade acerca das preocupações dos eleitores. Se avaliado desta forma, os meios teriam uma influência direta sobre as opiniões das pessoas, retornando à teoria hipodérmica. Mas a essência da *agenda setting* procura identificar se os temas que são expostos na grande mídia tornam-se importantes para os receptores, assim como se são pauta das conversas diárias.

Apesar da teoria da *agenda setting* ter sido avançada por McCombs e Shaw (1972), muitos pesquisadores já estudavam a atenção que o público dirigia para os temas propostos pela imprensa. Em 1922, Walter Lippmann, em *Public Opinion*, já destacava o papel da imprensa no enquadramento da atenção dos leitores em direção a temas por ela impostos como "de maior interesse coletivo".

Neste estudo McCombs e Shaw, concluíram que o mundo político é reproduzido de modo imperfeito pelos diversos órgãos de informação. Contudo, as provas deste estudo, de que os eleitores tendem a partilhar a definição composta dos *media* acerca do que é importante, sugerem fortemente a sua função de agendamento (McCombs e Shaw, 1972, In: Traquina, 2000, p.57).

Apontando essas informações como reais e trazendo para esta parte os resultados das pesquisas que sempre apontavam a preferência dos indivíduos voltada para Hillary Clinton, é possível concluir que a rede CNN utilizou da agenda setting para tentar influenciar os eleitores a não votarem em Trump. Desqualificando o candidato nos meios de comunicação, dando a entender que Hillary possuía melhor desenvolvimento nos debates.

Outra hipótese pertinente para ser relacionada à vitória de Trump é a conhecida "espiral do silêncio", criada por Elizabeth Noelle Neuman, que propõe que muitas vezes as pessoas não expõem a própria opinião por terem medo de demonstrar que não estão de acordo com a maioria e passarem por algum constrangimento por este motivo. (MÍDÍAS, 2008)

Essa hipótese tem como objetivo de estudar os efeitos que os meios de comunicação exercem sobre a sociedade. “O resultado é um processo em espiral que incita os indivíduos a perceber as mudanças de opinião e a segui-las até que uma opinião se estabelece como atitude prevalecente, enquanto as outras opiniões são rejeitadas ou evitadas por todos, à exceção dos duros de espírito”.

Essa hipótese também estuda como as opiniões dominantes são importantes e como elas refletem nos meios, fazendo com que cada opinião individual seja uma opinião coletiva, ganhando cada vez mais força. E por isso, quando um determinado indivíduo tem opiniões que diferem da maioria ou do pensamento coletivo, acaba acontecendo o silêncio, ou seja, essa mesma pessoa, não expressa a sua opinião por medo do isolamento social.

A espiral do silêncio diz que uma pessoa, pode deixar de expressar sua opinião quando esta é diferente das demais. As notícias são o que são, porque assim as determinamos. Quando nos calamos diante de uma divergência de opiniões, podemos causar a impressão de que concordamos com aquela notícia e com a forma que ela foi repassada, quando na verdade, poderíamos demonstrar que aquele fato não é aquilo ou daquela forma que está sendo apresentado. As notícias em maioria são consideradas verdade absoluta, pois em quase todas às vezes, não nos opomos a ela e assim não há quem possa dizer que a mesma está errada.

Este fator também é explicativo se formos analisar que a vitória de Trump não estava prevista por muitas das pesquisas nos meios de comunicação tradicionais, além de muitos dos eleitores de Trump terem medo de mostrarem apoio a um candidato conservador e racionalista, as pesquisas da CNN eram outro fator que desestimulava esses indivíduos a demonstrar suas verdadeiras intenções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prodigioso desenvolvimento dos meios de comunicação, ao longo do século XX, modificou todo o ambiente político. O contato entre líderes políticos e sua base, a relação dos cidadãos com o universo das questões públicas e mesmo o processo de governo sentiram, e muito, o impacto da evolução tecnológica da mídia. Já no começo do século, fez-se notar a presença do rádio, secundado pelo cinema, que se mostrou um importante instrumento de propaganda. Os novos meios exigiam novos tipos de políticos, que soubessem como utilizá-los. Cada um à sua maneira, Franklin Roosevelt, nos Estados Unidos, e Hitler, na Alemanha, tornaram-se símbolos da política da era do rádio. (Assim como Hollywood e a UFA berlinesa representaram duas formas diferentes de aproveitamento político do cinema). Mas o meio dominante, desde que surgiu, e que por enquanto não parece ser desafiado pelas novas tecnologias, é a televisão. Ela revolucionou nossa percepção do mundo, em especial do mundo social e, dentro dele, da atividade política. Ocupando uma posição cada vez mais destacada na vida de seus espectadores (sempre mais numerosos), como fonte de informação e de entretenimento, a televisão reorganizou os ritmos da vida cotidiana, os espaços domésticos e, também, as fronteiras entre diferentes esferas sociais. Como demonstrou Joshua Meyrowitz, a mídia eletrônica, sobretudo a TV, rompeu a segmentação de públicos própria da mídia impressa e contribuiu para redefinir as relações entre mulheres e homens, crianças e adultos, leigos e especialistas. Aprofundou as transformações no discurso político, de certa maneira unindo o sentimento de intimidade, transmitido pelo rádio, com o apelo imagético próprio do cinema.

Após a realização de um estudo aprofundado através de pesquisas bibliográficas e algumas pesquisas realizadas em jornais e revistas online, foi possível chegar a algumas conclusões. A primeira e mais importante de todas é que hoje as mídias tradicionais não possuem mais tanta influência nos indivíduos como antigamente, isto porque, hoje temos um veículo de comunicação muito mais poderoso, que é o *Facebook*. Esta conclusão foi realizada através de uma análise sucinta sobre as pesquisas apresentadas pela CNN que mesmo mostrando a resistência dos eleitores apoiantes ao partido democrata não conseguiu influenciar o suficiente para que Hillary ganhasse e através das informações obtidas na revista

Época que apontavam os grupos do *Facebook* como um dos principais responsáveis pelo vencimento de Trump.

Cabe ressaltar ainda que as associações da campanha de Donald Trump com algumas teorias da Relações Internacionais foram de extrema importância para entender a posição de Trump e a ideologia dos seus eleitores. Primeiramente ao realizar o estudo sobre a corrente realista, foi compreendido que Trump trazia muitos dos ideais desta corrente em sua campanha, como por exemplo, quando o atual presidente expos que queria aumentar as forças armadas do país.

Os estudos sobre a corrente liberal foram importantes para concluir-se que esta forma de governo foi aplicada por muito tempo nos Estados Unidos e que um possível cansaço do povo norte-americano também poderia ser uma razão que fizesse os eleitores optarem por uma nova direção. Os estudos realizados sobre a teoria crítica foram importantes para o entendimento da indústria cultural que colaborou para a reflexão de como tudo que a mídia produz é com a intenção de vender algo ou uma ideia, como fica em evidência ao analisar as pesquisas realizadas pela CNN, que queriam vender a ideia de que a Hillary Clinton estava se saindo melhor entre os candidatos a presidência. Já os estudos do construtivismo colocaram outra possível razão dos indivíduos a votarem em Donald Trump, que é a baixa estima dos norte-americanos em relação aos governos anteriores que não colaboraram para atender todas as necessidades humanas daquele local.

Por fim, outra conclusão relevante é os estudos de agenda setting que nos mostraram que as mídias tradicionais apenas transmitem o que seja interessante que as pessoas saibam e a hipótese do espiral do silêncio que trouxe aprendizados de como as pessoas, por muitas vezes não expõem sua verdadeira ideia com medo de ser ridicularizado.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.

ALVAREZ, Marcos César. **Cidadania e direitos num mundo globalizado. Perspectivas:** São Paulo, 1999.

BORBA, Felipe. **A influência das campanhas nas eleições presidenciais: o papel da mídia.** 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/4765/3827>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

BOTELHO, Rafael Cacau; ROCHA, Gustavo de Andrade; LIMA, Marcos Ferreira Costa. **Trump: declínio do poder americano?** 2017. Disponível em: <<http://www.congressoalacip2017.org/arquivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPjtzOjQ6IjlxNTkiO3oiO3M6MToiaCI7czozMjoiOGM3M2QzYzFIYmQzMDYyMzQwZDEyYmRhYmZmNDMyODgiO30%3D>>. Acesso em: 20 out. 2017.

BRAGA, Sergio; CHAIA, Vera. **Dossiê: Internet e política.** 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a02v17n34.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: do conhecimento a política.** 2007. Disponível em: <<http://cidadeimaginaria.org/cc/ManuelCastells.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais.** Brasília: Funag, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRA, Fernanda Vasques. **Raízes históricas do conceito de opinião pública em comunicação.** 2015. em: <<http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7-Janeiro-15-OPINIAO-Fernanda-Vasques-Ferreira-H-A.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.

FILHO, S. R. Gouveia. **O Soft Power dissimulado na sociedade do espetáculo.** 2008. Disponível em: <<https://midiaindependente.org/pt/blue/2009/03/442395.shtml>>. Acesso em: 27 out. 2017.

GALARÇA, Sandro Lauri da Silva. **Jornalismo online na sociedade da informação.** 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5847>>. Acesso em: 20 abr. 2007.

GUAZINA, Liziane. **Dossiê Mídia e Política – O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares.** 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/2469/1287>>. Acesso em: 10 set. 2017.

KOHN, Karen; MORAES, Claudia Herte de. **O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital.** 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1533-1.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

LEÃO, Vicente de Paula; CARVALHO LEÃO, Inêz Aparecida de. **Ensino de Geografia e Mídia: linguagens e práticas pedagógicas.** Belo Horizonte: Argumentum. 2008.

MARTINS, Allysson Viana. **A teoria da agenda-setting e a teoria do newsmaking no blog no noblat.** 2011. Disponível em: <<http://gitsufba.net/simposio/wp-content/uploads/2011/09/A-hipotese-da-agenda-setting-e-a-teoria-do-newsmaking-no-blog-do-Noblat-MARTINS-Alysson.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

MEARSHEIMER, John. **Donald Trump Should Embrace a Realist Foreign Policy. The National Interest.** 2016. Disponível em: <<http://nationalinterest.org/feature/donald-trump-should-embrace-realist-foreign-policy-18502>>. Acesso em: 20 out. 2017.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

MIDÕES, Miguel. **Caso esmeralda e a espiral do silêncio de Elisabeth Noelle-Neumann.** 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/midoes-miguel-caso-esmeralda-espiral-do-silencio.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

NYE, Joseph S. **Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: Unesp, 2002.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POGGI, Tatiana. **Trump, o populismo de direita e o "white trash": um neoliberal para chamar de seu**. 2017. Disponível em: <<http://www.niepmarx.blog.br/MM2017/anais2017/MC45/mc451.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

ROCHA, Antônio Jorge Ramalho. **Relações Internacionais - teorias e agendas**. Brasília: IBRI, 2002.

RUFINO, Carina Ferreira Gomes. **A sociedade em rede e a segunda geração da internet: reflexões para o campo da comunicação organizacional**. 2009. Disponível em: <http://www.abrapcorp.org.br/anais2009/pdf/GT3_Carina.pdf>. Acesso em: 12 set. 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SENA, Nilza Mouzinho de. **Espaço público, opinião e democracia. Estudos em Comunicação**. 2007. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/sena-nilza-espacopublico-democracia.pdf>>. Acesso em: 01 de nov. 2017.

SILVA, Jaqueline Quincoze da; BARICHELLO; Eugenia M. Mariano da Rocha. **A Representação das Organizações no Espaço Mediatizado. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. 2006. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0733-1.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2017.

SOUSA, Jorge Pedro. **As Notícias e os Seus Efeitos**. Coimbra: Minerva, 2000.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. 13. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2012.